

Destaque

O Globo

Panorama Econômico

Risco da energia

O governo fez tudo para dar mais poder às estatais e afugentar o investidor privado na área de energia. Apesar disso, as elétricas estatais tinham ontem, um dia depois do leilão, indicações de rebaixamento pelos bancos. O mercado acha que as empresas do setor ficarão menos lucrativas; as ações despencaram. A Eletrobrás caiu quase 20% em dois dias. Bancos, consultores e investidores continuam dizendo que o leilão foi um fracasso, mas o governo garante que foi um sucesso e já calculou até queda de 5% na tarifa.

A própria ministra Dilma Rousseff disse ontem que também esperava preços maiores da energia contratada, mas “leilão é leilão”, conformou-se. O que os analistas dizem é que as normas foram montadas para derrubar os preços, sem levar em conta o horizonte estratégico. Uma das mudanças feitas na última hora, a retirada do leilão dos contratos de 2008 e 2009, produziu um aumento da oferta de energia. O governo trocou a falta de investimento no futuro, que asseguraria preços e abastecimento estáveis, por um preço baixo de curto prazo para o consumidor. A Tractebel (antiga Gerasul) é a maior geradora privada e, desde a privatização, já aumentou em 60% sua capacidade de geração com novos investimentos no país; além de duas hidrelétricas das quais já ganhou a licitação. Ela participou de forma ínfima no leilão, apenas cumprindo a formalidade para estar no processo.

A empresa decidiu que não pode vender a única coisa que a gente fabrica a um preço que não cobre os custos do nosso negócio — disse-me o presidente da Tractebel, Maurício Bahr. Segundo ele, a estratégia da empresa é se preparar para vender nos contratos de 2008, que serão leiloados em março, no chamado leilão de energia nova. Ou seja, quem está desanimado tem apenas a esperança de que os futuros contratos tenham preços bem maiores. Mas será possível permitir que haja um desnível tão forte entre os preços fixados ontem e os do novo leilão? — Vai ter que ser. Estes preços não viabilizam nenhuma unidade nova no Brasil — afirmou Bahr. A Duke, outra investidora privada grande, também vendeu muito menos do que deveria e, segundo a revista “The Economist”, a empresa, mesmo antes do leilão, já dizia que não faria qualquer investimento novo no Brasil.

As estatais estão ficando sozinhas no mercado e muito provavelmente é isso que o governo sempre quis. Um dos exemplos concretos da ambigüidade do governo Lula — que é liberal na macroeconomia e estatal e dirigista nas políticas setoriais — foi a decisão de renovar as concessões das empresas estatais, que venceram recentemente, por mais 30 anos, sem cobrar nada por isso. Como são empresas de capital aberto, o governo transferiu renda para acionistas privados ao decidir que não deveria cobrar nada pelas renovações.

Isso só aumentou a capacidade das estatais de jogarem no leilão os preços bem para baixo. Elas não têm o custo da concessão que tiveram as empresas privadas. Além disso, as usinas elétricas que as estatais têm foram construídas há tempos, no modelo do velho Brasil, com muito subsídio e dinheiro público e pouca preocupação ambiental; e estão todas amortizadas. Mesmo assim, a queda das ações na bolsa reflete que elas, com menos rentabilidade, terão menos capacidade de investimento.

Quando se fala no futuro, pode parecer para o leitor não especialista que haverá tempo para corrigir eventuais equívocos. É o contrário:

Para uma hidrelétrica ficar pronta em 2009, ela tem que começar a ser construída no máximo em 2005. Essas decisões têm que ser tomadas com antecedência. Com estes preços, a capacidade

de investimento das estatais diminuiu muito, o que faz com que o investidor privado tenha que ser atraído — disse Cláudio Sales, da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica. José Said de Brito, da Excelência Energética, é mais direto: O que ficou claro é que o governo se apoiou nas estatais para fazer política de preço e deve estar se preparando para fazer o mesmo em novos investimentos. Foi um sinal claro de que não há preocupação em atrair o setor privado.

O consultor Adriano Pires não hesita em classificar como um “fracasso” o leilão de terça-feira. Acha que as regras foram construídas exatamente para ter este resultado, que é de afugentar o investidor privado.

Os analistas dos bancos, que rebaixaram a recomendação de compra nas empresas elétricas, davam ontem os mesmos argumentos dos consultores e empresários do setor:

A Chesf e a Eletronorte, sobretudo, puxaram muito o preço para baixo. Assim, ninguém investe. Criou-se uma situação em que a tendência será de uma energia nova com preço altíssimo e a velha baratíssima, já que estas geradoras terão que atuar com preço fechado por 8 anos. A própria Cesp já declarou que não tem como investir — disse Emerson Leite, do Credit Suisse First Boston. Gustavo Gattass, do UBS, acha que o próprio governo está preocupado com o que aconteceu porque nem a ministra Dilma Rousseff achava que cairia tanto, apesar de também dizer, com outros detalhes técnicos até, que as regras foram montadas com este objetivo. Ele acha que, no leilão de março, o governo estará encurralado porque o preço, muito provavelmente, será bem mais alto.